

SUPER AUDIO CD

A dificuldade da escolha

Ainda ninguém sabe quem vai ganhar as eleições no país do áudio. O CD continua no poder. De pedra e cal. Mas, com o SACD e o DVD-Audio há dois anos a discutirem o mesmo espaço sem se vislumbrar uma maioria clara, ainda acaba por chegar de novo ao poder o ultraconservador LP

TEXTO DE JOSÉ VÍCTOR HENRIQUES

EM 1983/84, QUANDO COMECEI A MINHA actividade de «escritica», o meu tema principal era o CD. Ninguém sabia o que isso era. Ia-se a uma loja de discos, pedia-se um CD e a resposta era a mesma que hoje em relação ao SACD. Alguns, poucos, já ouviram vagamente falar mas não têm, desculpe. Só CD. Nem estão interessados, que o negócio está mau, por culpa do MP3. Era só o que faltava: dois formatos para confundir ainda mais o consumidor.

Há três anos que venho alertando para esta nova realidade. Por enquanto, não se sente a sua presença nas lojas. Mas é uma questão de tempo. O CD está condenado pela sua própria banalização. Todos o conhecem, alguns compram-no, muitos copiam-no. Os actuais sistemas anticópia são a última tentativa para o manter no poder. Se não resultar, as multinacionais vão apeá-lo da cadeira e substituí-lo pelo SACD. Não por ter um discurso moderno e fluente, mais claro e inteligível, mas porque não se pode copiar. A aposta inicial era no DVD-Audio mas, quando um miúdo norueguês descodificou o sistema de encriptação e publicou a sua descoberta na internet, os ânimos arrefeceram.

Assim, em resposta aos inúmeros e-mails de leitores (tenho recebido menos ultimamente, porquê?, já sabem tudo? já têm todas as respostas?), que me perguntam quem vai ganhar as eleições, eu arrisco que o SACD vai ganhar não porque o povo conhece o programa e vai votar nele em massa (e com massa: custam 6 contos cada!), ou porque os executivos estão preocupados com a qualidade do som (têm assinatura para os concertos e para a ópera em Nova Iorque e acham que para nós bacalhau basta) mas porque têm medo que o DVD-Audio seja vulnerável à corrupção como o CD. O problema é que até agora todos os novos formatos têm servido às editoras para nos despejar em cima com reedições de catálogos velhos. Ora os SACD e especialmente o DVD-Audio exigem que se façam remasterizações de estéreo para 5.1 canais, e isso sai caro. É por isso que há tão poucos discos. A Pioneer, por exemplo, propõe um governo de coligação com os seus leitores-DVD a aceitar tanto SACD como DVD-Audio e DVD-Video (e CD e MP3!).

O DVD-Audio até é uma boa ideia: música



A versão em Super Audio CD de «Quadros de uma Exposição», de Mussorsgky, é, ela própria, uma obra de arte

Chirac é o SACD dos políticos: fala tão bem francês que até dá gosto ouvi-lo. Acusam-no de só gostar de «objectos de desejo» caros e bonitos?

Também eu gosto

em surround de alta resolução sem imagens. Nem sempre temos disponibilidade total para ficar para ali sentados a olhar para o ecrã. Às vezes, sabe bem ouvir música enquanto se escreve, se conversa, se bebe um copo. Seria, pois, lógico poder ver filmes e ouvir música com um único aparelho. Logo aqui, começou a «debacle». Os discos DVD-Audio não são compatíveis com o actual parque de leitores-DVD-Video. Dá para ouvir a versão em Dolby Digital ou DTS mas para isso não era preciso um formato novo. Vai ter de comprar um leitor compatível. Houve, contudo, quem já o fizesse e se arrependesse. O som do DVD-Audio em estéreo é abaixo de cão, porque é o resultado matricial do denominador comum dos seis canais. E para o ligar ao amplificador são precisos seis cabos de sinal analógico. Só os amplificadores AV mais modernos têm as entradas necessárias. Vai ter de

comprar um amplificador multicanal compatível. Houve quem o fizesse e se arrependesse. Porque já se anuncia (eu avisei com um ano de antecedência!) a ligação digital do tipo FireWire. A não ser que tenha comprado um modelo high-end com possibilidade de fazer «upgrade», o seu equipamento novo já está velho.

Se conseguiste vencer todos estes obstáculos, vais ter ainda de importar os discos porque por cá não os há, pá! Tudo isto para chegares à conclusão que ouvir a cantora à nossa frente e o contrabaixo atrás de nós com os pratos a vibrar à nossa volta pode ser excitante no início mas cansa depressa.

E com o SACD é diferente?

Já tenho uma vasta colecção de SACD que posso ouvir em estéreo ou multicanal (parte deles). É verdade que a versão multicanal tem os mesmos problemas de compatibilidade com os equipamentos. E também é verdade que o facto de se poder tocar o disco no nosso leitor-CD convencional é um fraco paliativo. Mas, meus amigoszzz, as faixas de alta resolução (DSD) do SACD fazem calar tudo o que a antiga musa canta.

Oiça-se, por exemplo, «Quadros de uma Exposição», de Mussorgsky, por Lorin Maazel, The Cleveland Orchestra, Telarc 60042 (stereo). O disco é híbrido e, portanto, pode ser tocado como CD ou como SACD. A diferença é tão grande em termos de transparência, dinâmica, claridade, ambiência, detalhe, musicalidade, faltam-me os termos, que fico envergonhado de pensar em todas as coisas bonitas que escrevo quando oiço CD sem ter o SACD correspondente para comparar. Ao ponto de pôr em dúvida a garantia da Telarc de que foi utilizada a mesma matriz para ambas as versões contidas no disco.

Pensar que esta maravilha audiófila pode perder as eleições contra as actuais tendências fascistóides dos novos CD censurados ou a parolice do DVD-Audio, leva-me a pedir ao povo audiófilo para votar em massa no SACD, como os franceses votaram em Chirac: de olhos fechados, sem conhecerem o programa ou sequer gostarem dele.

Chirac é o SACD dos políticos: fala tão bem francês que até dá gosto ouvi-lo. Acusam-no de só gostar de «objectos de desejo» caros e bonitos? Também eu gosto. E depois?... ■